

“ELES TE DÃO CHUTES E TE CAÇOAM”: EXPERIÊNCIAS DE VIOLÊNCIAS NA ESCOLA VIVENCIADAS POR ADOLESCENTES E JOVENS GAYS E LÉSBICAS

Iara Falleiros Braga

(Universidade Federal da Paraíba – iarafalleiros@gmail.com)

Resumo: A violência contra gays e lésbicas tem ganhado destaque na produção acadêmica mundial, evidenciando um número crescente de adolescentes e jovens vitimizados. Um dos contextos em que essa violência se perpetua é a escola, que ainda reproduz a desvalorização e exclusão daqueles que desviam dos padrões heteronormativos. Assim sendo, o objetivo deste estudo foi compreender as experiências de violências vivenciadas por adolescentes e jovens gays e lésbicas no contexto escolar. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado em um município do interior paulista. Participaram 12 adolescentes e jovens que se autodeclaravam enquanto gays ou lésbicas. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e os dados foram analisados de acordo com pressupostos do método de interpretação de sentidos, com apoio em conceitos da Teoria *Queer*. Os resultados apontaram para vivências de diversas situações de agressão às quais os adolescentes e jovens foram expostos no contexto escolar, tais como a violência física, psicológica e sexual. Destaca-se que a escola é um espaço que ainda perpetua a heteronormatividade, sancionando punições e promovendo exclusões a partir da identificação daqueles que transgridem essa lógica heterossexual, reforçando o caráter da abjeção. Conclui-se que, faz-se necessário que os profissionais que constituem a escola estejam sensíveis e preparados para compreender a origem histórica e cultural das diferenças, buscando questionar as normas e suas conseqüentes sanções, problematizando os discursos e as relações de poder que estão arraigadas nos pressupostos da heteronormatividade, e que se efetivam na prática escolar, a fim de transformar o espaço escolar em um local democrático e que garanta a cidadania de todos que ali estão.

Palavras-chave: violência, homossexualidade, adolescência, juventude, escola.

Introdução

Compreende-se a adolescência e juventude enquanto fase da vida que abarcam transformações biológicas, bem como envolvem construções culturais, político-econômicas, territoriais e relacionais, além de serem interseccionadas por marcadores sociais de diferença, tais como: classe, etnia, sexualidade e gênero, os quais produzem diversidades em suas trajetórias, no modo de levar a vida e de se inserirem social e culturalmente (LEÓN, 2005; MOREIRA; ROSÁRIO; SANTOS, 2011; COSTA JÚNIOR; COUTO, 2015).

No caso dos adolescentes e jovens gays e lésbicas, a discriminação e o preconceito potencializam a vulnerabilidade que, geralmente, já se encontram expostos (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA-UNICEF, 2011). A esse respeito, é relevante destacar que a estrutura social que está por trás dos preconceitos e atos discriminatórios se fundamenta no dualismo heterossexual e homossexual, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por meio de um dispositivo que a naturaliza e, ao mesmo tempo, torna-a compulsória (MISKOLCI, 2009). Essa divisão binária de sexo e gênero se relaciona aos comportamentos e atitudes identificados com o

feminino ou o masculino, em coerência ao sexo biológico correspondente. Aqueles que “desviam” em relação a essa norma, frequentemente enfrentam dificuldades para serem aceitos pela sociedade, estando expostos às agressões físicas, verbais, sexuais, *bullying*, estigmatização social, discriminação no trabalho, na família e nos serviços públicos, além de desigualdade de acesso aos bens, como educação e saúde (BORRILLO, 2009).

Nesse sentido, a literatura tem utilizado várias terminologias para se referir à violência. Alguns autores partem de uma concepção mais global do que é a violência, subdividindo-a em modalidades e, recentemente, tem sido utilizado a terminologia homofobia para se referir à violência praticada contra a orientação sexual homossexual dos sujeitos.

A concepção da homofobia engloba não somente a rejeição ou o ódio de uma pessoa por sua orientação sexual, por seu modo de vida ou comportamento, mas também é caracterizada por atitudes de julgamento quanto à conduta de outro sujeito, relegando à pessoa homossexual a estampa de inferioridade, anormalidade e indignidade (BORRILLO, 2010). Ela é, também, compreendida como sendo um dispositivo de controle que reforça a ideia de naturalização da normalidade relacionada à orientação heterossexual, e, que se manifesta nas relações sociais por meio de agressões físicas, verbais, psicológicas e sexuais (MISKOLCI; BALIEIRO, 2011).

Já o termo lesbofobia é utilizado para especificar a violência que as mulheres lésbicas sofrem. Este termo é empregado para demarcar as intersecções da sexualidade dissidente e gênero, que podem ter características e impactos diferentes da homofobia (BORRILLO, 2009).

Partindo dessa compreensão e entendendo que é na escola em que se encontram a maioria de adolescentes e jovens brasileiros, estudos apontam que nesse espaço poderão surgir as piores situações de violência e exclusão. A homofobia e lesbofobia estão presentes nos valores e discursos dos adolescentes e jovens em situação escolar, enquanto muitos professores reforçam este comportamento, por meio da omissão e até mesmo da pactuação velada. A institucionalização da homofobia pode trazer prejuízos ao adolescente e jovem homossexual, como: vitimização homofóbica, isolamentos sociais e afetivos, comprometimentos na saúde psicológica e comportamento de risco, além de uma percepção negativa a respeito de suas vivências escolares (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI; BESSA, 2011).

Em um estudo realizado com adolescentes do ensino médio demonstrou que a discriminação e a violência homofóbica estão presentes nos valores e discursos dos adolescentes em situação escolar e familiar, acreditando na heterossexualidade como única forma de manifestação sexual,

demonstrando a institucionalização da homofobia como prática da construção social e psicológica de gêneros e identidades sexuais (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI; BESSA, 2011).

No que diz respeito à vitimização sexual, este estudo identificou que adolescentes que não são heterossexuais têm aproximadamente duas vezes mais chances de sofrer violência sexual, comparativamente aos heterossexuais. Dentre 234 adolescentes com histórico de violência sexual, 39 (17%) declararam ter tentado suicídio. Em um total de 86 respondentes não heterossexuais, 45 (52%) disseram ter sofrido algum tipo de agressão/constrangimento, por causa da sua sexualidade (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI; BESSA, 2011).

Outro estudo, realizado com 245 jovens LGBTs na Califórnia, EUA demonstrou o quanto a vitimização na escola impacta negativamente na saúde dos jovens, aumentando a ideação suicida, diminuindo a satisfação com a vida, a autoestima e a integração social. Os homens apresentaram taxas mais elevadas de depressão e suicídio, por sofrerem mais violência e preconceito na escola (RUSSELL et al., 2011).

Dessa forma, destaca-se que a escola ainda reproduz a desvalorização e exclusão daqueles que desviam dos padrões heteronormativos. Mesmo diante de um aumento de políticas públicas no combate à homofobia são poucos os materiais informativos produzidos, em nível governamental ou não, sobre a população de jovens LGBT. Os profissionais ainda estão despreparados para trabalhar com o tema das sexualidades não normativas na escola, assim, as relações homoeróticas e afetivas na adolescência e juventude se tornam invisíveis (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI, BESSA; 2011).

Diante disso, este trabalho tem como objetivo compreender as experiências de violências vivenciadas por adolescentes e jovens gays e lésbicas no contexto escolar, sob a perspectiva analítica *Queer*.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada em um município de médio porte localizado no interior do Estado de São Paulo. Participaram 12 adolescentes ou jovens que se reconhecem como homossexuais, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 24 anos. A seleção dos participantes foi realizada por meio da técnica de bola de neve (*snowball*), que se inicia com um participante ou um grupo de participantes que indicam novos sujeitos, que indicarão outros e, assim, sucessivamente, possibilitando ao pesquisador a imersão em seu círculo social (HANNEMAN; RIDDLE, 2009).

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturada, compreendida como aquela que possibilita, a partir de questões norteadoras, que o entrevistado expresse seu pensamento, vivências e significados construídos a partir da experiência, participando ativamente no processo da pesquisa (MINAYO, 2012).

Iniciou-se o contato com os participantes no primeiro semestre de 2015, com o objetivo de possibilitar uma aproximação nos pontos de encontro do público LGBT localizados no município. Em um primeiro contato com cada participante foram detalhados o objetivo da pesquisa, as condições de participação e colhida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes com idade acima de 18 anos, do Termo de Assentimento para os menores de 18 anos e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais ou responsáveis pelos adolescentes menores de 18 anos.

Após a concordância dos participantes foram agendados os encontros para a realização das entrevistas, em locais de sua preferência. A maioria das entrevistas ocorreu em locais públicos, porém que assegurasse a privacidade e conforto. Outras foram realizadas nas residências dos participantes, sem a presença de outros membros da família. O tempo médio de duração das entrevistas foi de 90 minutos. Todas foram audiogravadas e transcritas na íntegra pela pesquisadora principal. O anonimato dos participantes foi garantido por meio da utilização de nomes fictícios escolhidos pelos próprios entrevistados.

Para a análise dos dados, foi utilizado o método de interpretação dos sentidos (GOMES et al., 2005). Esse método é fundamentado nos princípios hermenêutico-dialéticos, que buscam interpretar o contexto, as razões e as lógicas de falas, ações e inter-relações entre grupos e instituições. Esse método responde às necessidades da presente pesquisa, uma vez que busca, por meio dos princípios da hermenêutica, compreender o sujeito histórico imerso em seu contexto e cultura, e por meio da dialética, interpretar, refletir e problematizar os fatos, as linguagens e os símbolos presentes na investigação. Parte-se do entendimento de que os indivíduos reconstituem o vivido atribuindo-lhe sentido, e emitem enunciados sobre si mesmos que nos dão pistas de como se constituem como sujeitos em meio a contextos de violência (BRAH, 2006).

Em todas as etapas do estudo foram seguidas as recomendações e orientações da Resolução 466/12 sobre os aspectos éticos que regulamentam as pesquisas com seres humanos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP), parecer 013/2015.

Resultados e Discussão

Caracterização dos participantes

O Quadro 1 permite visualizar algumas características sociodemográficas dos adolescentes e jovens participantes do estudo.

Participante	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Cor da pele / raça
Lipe	18	Feminino	Ensino médio completo	Branca
Duda	20	Feminino	Ensino médio completo	Branca
Dakota	19	Masculino	Ensino médio completo	Preto
Afrodite	21	Masculino	Ensino médio incompleto	Pardo
Normal	20	Masculino	Ensino médio incompleto	Branco
Sam	20	Feminino	Ensino médio completo	Branca
Potter	22	Masculino	Ensino médio completo	Branco
Cálculos	17	Masculino	Ensino superior incompleto	Branco
Deturpado	14	Masculino	Ensino fundamental incompleto	Branco
Chanel	18	Masculino	Ensino médio completo	Pardo
Biologia	19	Masculino	Ensino superior incompleto	Branco
Paulo Gustavo	24	Masculino	Ensino médio completo	Branco

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Quadro 1. Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa

Participaram deste estudo 12 adolescentes e/ou jovens *gays* e *lésbicas* com idade entre 14 e 24 anos, sendo nove do sexo masculino e três do sexo feminino. Os nomes fictícios foram escolhidos pelos próprios participantes. Em sua maioria eram oriundos de regiões periféricas do município, moradores de regiões que apresentavam graves deficiências de infraestrutura em termos de escolas, unidades de saúde e oportunidades de lazer. Dessa forma, esses adolescentes e jovens relataram buscar o centro da cidade para ter acesso a escolas, à cultura e aos espaços de sociabilidade, como praças, *shoppings*, bares e boates.

Dentre os entrevistados, um frequentava regularmente a escola, nove haviam concluído o ensino médio e dois haviam abandonado os estudos; oito exerciam algum tipo de atividade remunerada, sendo que três conciliavam trabalho e estudos. Dois estavam cursando ensino superior.



Experiências de violências sofridas no contexto escolar

As vivências de violência experienciadas pelos adolescentes e jovens participantes deste estudo revelaram diversas situações de agressão às quais foram expostos no contexto escolar, tais como a violência física, psicológica e sexual.

Lipe, uma adolescente que se autodefine como lésbica, afirma que se masculiniza há alguns anos e que declara que, por essa razão, sofreu violência física e psicológica na escola:

No primeiro colegial eu tive um problema, eu estudava em um colégio particular e eu tive um problema com um menino do primeiro ano, só que ele era muito maior do que eu, e eu tive um problema com ele lá fora do colégio. Eu estava indo para o *shopping* e eles estavam vindo, ele e um amigo dele, e os dois me trombaram, como a rua era estreita, eles pegaram e os dois me espremeram no meio deles e aí eu olhei para eles no susto, e eles só continuaram andando. [...] depois eles ficaram fazendo provocaçõeszinhas do tipo: “Ah, você quer ser homem, então vá agir como um homem”, “Você quer fingir que você é homem, então vai apanhar como um homem”, esse tipo de coisa. (Lipe)

Já o jovem Potter, era alvo de violências físicas constantes, por não se enquadrar na sexualidade normativa presente culturalmente em nossa sociedade.

Nessa escola [em que estudou] a violência era muito pior, assim que você sai da sala, eles te dão chutes, eles te caçoam... Então, na hora do intervalo, para você ter uma noção, eu saía da sala de aula e me escondia na biblioteca, eu me escondia na biblioteca porque sabia que era um lugar em que os alunos não iriam me procurar para eu servir de chacota para eles, e ao mesmo tempo me protegia lá, porque tinha um bibliotecário que eu era amigo. (Potter)

Dessa forma, esses adolescentes e jovens que expressavam em seus corpos, a dissidência sexual e de gênero, por estarem visivelmente rompendo com a lógica da matriz heterossexual e com os preceitos heteronormativos, foram hierarquicamente, inferiorizados e “marcados” pela desigualdade, sofrendo preconceitos, exclusões e violências (LOURO, 2016).

Com relação à violência psicológica, ou seja, aquela que é evidenciada pela interferência negativa de um sujeito sobre outro, por meio de situações de rejeição, depreciação, discriminação e desrespeito, não deixando marcas físicas, mas gerando consequências para a vítima. É um tipo de violência que é difícil de ser identificado, e pode estar abarcado em outros tipos de violência (BRASIL, 2011). As narrativas dos participantes apontam este tipo de violência como presente em seus cotidianos.

[...] eu sofri, assim, porque não me assumi, porque se eu tivesse consciência de que eu era mesmo, a pessoa ia me chamar de sapatão e eu ia falar, sou mesmo, o que você tem a ver com isso? Nada! Mas hoje para mim me chamar de sapatão não é ofensa nenhuma! Não é, não me ofende...eu simplesmente falo: ‘eu sou, e daí!’, porque para mim o significado de sapatão é ser lésbica, homoafetivo, enfim...então...antes eu tinha mentalidade de criança e não suportava muito, tanto que eu já bati em muita gente por causa disso, eu era muito agressiva. Tudo por conta dos xingamentos que eu sofria. (Sam)

Na escola foram só perguntas mesmo, não era uma ofensa, era meio que uma pressão, uma pressão que fica em você 24 horas por dia, você está na escola tem as pessoas olhando para

você te pressionando ‘fala se você é homossexual’, ‘você é gay? Você é gay, pode falar!’ (Dakota)

[...] já presenciei muitas vezes agressões verbais né, na escola, principalmente, um lugar onde o homossexual sofre muito, é um preconceito que a gente sofre muito na escola, em faculdades também, eu acho. Por você ser gay sempre tem um grupinho que zoa, que xinga, ‘Ah, olha ali o viado, olha ali o gay’. E na minha vida inteira na escola eu vivenciei isso [...] xingamentos e brincadeiras de mal gosto. (Afrodite)

Nesses casos, a violência foi caracterizada, principalmente, pelo uso de ofensas, chacotas e termos pejorativos alusivos à orientação sexual dos adolescentes e jovens.

O dispositivo da sexualidade visa controlar, dominar e manter a lógica da normalidade, delimitando a verdade e totalizando os sujeitos (FOUCAULT, 1976). Nessa concepção, todos os elementos negativos que se articulam para a interdição do sexo, tais como as proibições, violências e censuras, são somente algumas peças, entre outras, que têm uma função local e tática em uma produção discursiva que dá materialidade a uma técnica de poder.

Assim, os adolescentes e jovens se veem desde cedo como alvo da ‘Pedagogia da sexualidade’, na qual a escola é uma das instituições que mantém a legitimação da heteronormatividade, por meio da qual, as piadas, os apelidos e as brincadeiras desqualificantes representam mecanismos de silenciamento, de dominação simbólica, de reafirmação da norma e de exclusão (LOURO, 2016). Em uma pesquisa realizada com 52 alunos do sexo masculino com idades entre nove e 14 anos completos, em uma escola da periferia, identificou-se que 90% dos palavrões utilizados pelos alunos se referiam à sexualidade do ofendido, demonstrando que este tipo de violência está fortemente presente no cotidiano dos adolescentes e jovens (ROSELLI-CRUZ, 2011).

A violência sexual também foi relatada pelo mesmo participante (Potter), que sofreu abusos pelos amigos da escola.

Eu tinha amigos que me xingavam, me discriminavam na escola e, ao mesmo tempo, eles pegavam e gostavam de ficar passando a mão, me alisando, todas essas coisas. (Potter)

A violência sexual foi perpetrada pelos amigos, que, ao mesmo tempo em que rejeitavam e humilhavam o adolescente, também abusavam sexualmente dele. Esse relato estimula uma reflexão sobre a apropriação que é feita dos corpos desviantes, corpos que são extremamente sexualizados e facilmente se tornam objetos e abjetos, ou seja, ilegítimos e, por isso, acabam sendo reconhecidos como passíveis de atos violentos.

Muitos estudos apontam a escola como uma instituição de vigilância e disciplinamento dos corpos, por meio dos vários tipos de violências que acontecem em seu interior (FRANÇA; CASTRO; FERRARI, 2014; LOURO, 2014; SILVA JUNIOR; FERNANDES; FAUSTINO, 2016).

De acordo com Louro (2014), a escola é uma instituição que desde seus primórdios produz diferenças e desigualdades, com uma lógica binária de segregação, separando meninos e meninas, protestantes e católicos, ricos e pobres, bem como legitimando a violência em seu interior, principalmente, contra aqueles que possuem marcadores sociais da diferença.

Conclusões

Este estudo investigou e analisou as experiências de violência vivenciadas por adolescentes e jovens gays e lésbicas no contexto escolar. Observou-se que os participantes revelaram exposição a diversas situações de preconceito e discriminação devido à sua orientação sexual, ao longo de suas trajetórias escolares, relatando diversos tipos de violência – física, psicológica e sexual.

Assim, analisa-se que há uma tendência à perpetuação de uma cultura heteronormativa e violenta, que sanciona punições àqueles que se diferenciam da norma heterossexual. São adolescentes e jovens que não seguem a linearidade entre sexo, gênero, desejo e práticas sexuais, são submetidos a diversos tipos de violência.

Destaca-se que a escola é um espaço que ainda perpetua a heteronormatividade, sancionando punições e promovendo exclusões a partir da identificação daqueles que transgridem essa lógica fundamental, reforçando o caráter da abjeção.

Nesse aspecto, ressalta-se que os profissionais que constituem a escola precisam estar sensíveis e preparados para compreender a origem histórica e cultural das diferenças, buscando questionar as normas e suas conseqüentes sanções, problematizando os discursos e as relações de poder que estão arraigadas nos pressupostos da heteronormatividade, e que se efetivam na prática escolar, a fim de transformar o espaço escolar em um local democrático e que garanta a cidadania de todos que ali estão.

Evidencia-se que os dados apresentados são contextuais e provisórios e não podem ser generalizados a outros contextos ou grupos sociais. Pesquisas adicionais podem apoiar os conceitos aqui discutidos e expandir as reflexões sobre as experiências de adolescentes e jovens gays e lésbicas que vivenciam a violência, através de diferentes abordagens teórico metodológicas.

Referências

BORRILLO, D. Homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.

BORRILLO, D. O sexo e o Direito: a lógica binária dos gêneros e a matriz heterossexual da Lei. **Meritum**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 289-321, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/meritum/article/view/1092/782>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência contra a criança e o adolescente**: proposta preliminar de prevenção e assistência à violência doméstica. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em:<<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0220violencia.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2016.

COSTA JÚNIOR, F. M.; COUTO, M. T. Geração e categorias geracionais nas pesquisas sobre saúde e gênero no Brasil. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 1299-1315, 2015. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n4/1984-0470-sausoc-24-04-01299.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

FOUCAULT, M. **Histoire de la sexualité I**: La volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.

FRANÇA, F. G. R.; CASTRO, R. P.; FERRARI, A. Narrativas docentes sobre o bullying homofóbico na escola. **Momento**, Rio Grande, v. 23, n. 1, p. 61-79, jan./jun. 2014. Disponível em:<<https://seer.furg.br/momento/article/view/4686/2939>>. Acesso em: 20 maio 2017.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA-UNICEF. **Situação mundial da infância 2011**: adolescência: uma fase de oportunidades. New York: UNICEF, 2011. Disponível em:<https://www.unicef.org/brazil/pt/br_sowcr11web.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 185-221.

HANNEMAN, R.; RIDDLE, M. **Introduction to social network methods**. Riverside: University of California, 2009.

LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 9-18.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: a pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MISKOLCI, R. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p.150-182, jan./jun. 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

MISKOLCI, R.; BALIEIRO, F. F. O drama público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 73-88, 2011. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n75/04.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

MOREIRA, J. O.; ROSÁRIO, A. B; SANTOS, A. P. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **Psico**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 457-64, out./dez. 2011. Disponível em:< <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8943/7450>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

ROSELLI-CRUZ, A. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: seu uso na educação sexual escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, p. 73-85, jan./abr. 2011. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a06.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

RUSSELL, S. T. et al. Lesbian, gay, bisexual, and transgender adolescent school victimization: implications for young adult health and adjustment. **The Journal of School Health**, Columbus, v. 81, n. 5, p. 223-230, May 2011.

SILVA JUNIOR, J. A.; FERNANDES, M. P.; FAUSTINO, S. R. O. Entre os ditos e os interditos: representações de professores e professoras do ensino fundamental sobre gênero e sexualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 1, p. 107-125, jan./abr. 2016. Disponível em:< <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/4631/2552>>. Acesso em: 29 out. 2016.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A; BESSA, J. C. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, dez. 2011. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a04v37n4.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

Agradecimentos

Ao apoio recebido da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo número 2014/00701-1.